



# CORONELISMO E A REPRESENTAÇÃO AGROINDUSTRIAL GAÚCHA: A CONSTRUÇÃO DO “REINADO” DO CORONEL PEDRO OSÓRIO NA PRÁTICA DA ORZICULTURA (1907 – 1931)

FERNANDO ANTÔNIO BROD; JONAS MOREIRA VARGAS

*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – fernando\_brod@hotmail.com*

*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – jonasmvargas@yahoo.com.br*

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fomentar o debate que permeia a temática do coronelismo no estado do Rio Grande do Sul, utilizando como objeto de estudo a figura do Coronel Pedro Luís da Rocha Osório e a construção de seu capital político-econômico, direcionando a pesquisa para sua atuação na prática da orzicultura e o prestígio que adquiriu na mesma, sendo reconhecido nacionalmente como o ‘Rei do Arroz’<sup>1</sup>.

De forma introdutória propõe-se um debate político-econômico sobre o estado gaúcho, partindo da prerrogativa proposta por Sandra Pesavento de que “(...) em história, nada é, em si, isolado, uma vez que o processo histórico, em sua dinâmica, abrange todos os níveis subestruturais”. (PESAVENTO, 1979). Ademais, de forma ainda incipiente, nota-se que mesmo com a produção referencial de Loiva Félix, as fontes utilizadas apontam para um caráter não tão caudilhesco do coronel em análise, aproximando-se da produção de Joseph Love e do conceito de “coronel burocrata”. (LOVE, 1975).

Por fim, cotejando informações do jornal A Federação e a bibliografia pertinente, nossa análise aborda também o processo de formação do Sindicato Arrozeiro do Rio Grande do Sul, motivado pelo contexto político-econômico que levou à crise do arroz no ano de 1926. Entre os fatores dessa, ressaltamos “(...) a escassez de crédito aos produtores, depois a concorrência com outros estados, seguido da concorrência estrangeira e dos altos custos de produção...”. (DUVOISIN, 2010). Logo, os posicionamentos e interesses do Cel. Pedro Osório junto à entidade, na qual sua firma, Pedro Osória & Cia., receberia o título de comissária<sup>2</sup>, responsável pelo amparo na centralização do arroz em torno do Sindicato e ele seria contemplado com a titulação de Presidente de Honra<sup>3</sup>, convergiam diretamente.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho se consistiu em uma revisão bibliográfica do contexto social, econômico e político do período da Primeira República e das tendências constituintes do estado do Rio Grande do Sul, direcionando nosso lócus para o estudo de caso da representatividade coronelista, seu processo de acumulação de capital político, econômico, bem como de seu prestígio social, através da análise da figura do Coronel Pedro Osório. Outrossim, utilizou-se também a análise de fontes primárias, ressaltando principalmente as narrativas jornalísticas do período, atentando-nos para o

<sup>1</sup> Perante à mídia nacional, Pedro Osório foi noticiado como “Rei do Arroz” pela primeira vez em matéria da Gazeta de Notícia (RJ) no dia 4 de abril de 1912.

<sup>2</sup> **Sindicato Arrozeiro**. A Federação, Porto Alegre: 26 jul. 1926, p.5.

<sup>3</sup> **Sindicato Arrozeiro**. A Federação, Porto Alegre: 13 jul. 1926, p.5.



apontamento de Jacques LeGoff de que nenhum documento é ‘inocente’ e, por consequência, devem ser analisados criticamente<sup>4</sup>. Ademais, tal apontamento é imprescindível para a elaboração do presente texto, uma vez que se utilizou como matéria primária de pesquisa as narrativas do jornal A Federação, representação institucional do Partido Republicano Riograndense, o qual, consequentemente, mantém sua narrativa voltada para os preceitos ideológicos do republicanismo gaúcho. Em síntese, a análise destas matérias deu-se através da plataforma da Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Digital, onde foi utilizada a busca nominal e periodizada em convergência com as necessidades do trabalho. Por fim, para o enriquecimento do texto, analisou-se também alguns dos principais jornais do Distrito Federal, situado no Rio de Janeiro durante este período, entre eles a Gazeta de Notícias e O Paiz, e, com os dados arrecadados através dos veículos de mídia supracitados, pudemos contextualizar parte das discussões e tensionamentos da Indústria Rizicultora.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Almejando embasar o contexto social, político e econômico do estado do Rio Grande do Sul no período da Primeira República, iniciamos nossa análise a partir do desenvolvimento do comércio do charque, esse que “veio a transformar-se num polo de atração muito forte, ao criar um mercado regional para o gado, conferir um novo valor para a carne e ligar-se a um mercado que independia das flutuações da economia nacional (servia de alimento para a escravaria).” (PESAVENTO, 1984). Por conseguinte, é importante destacarmos as duas diferentes dinâmicas presentes nas charqueadas, sendo, primeiramente, caracterizadas por um regime escravista e, após a abolição da escravatura em 1888, as charqueadas de dinâmica assalariada.

Exposto tal contexto, cabe-nos apresentar nosso objeto de análise, o Coronel Pedro Luís da Rocha Osório, prestigiado empresário, líder republicano e considerado o maior orizicultor do Brasil. Ademais, Pedro Osório foi responsável por um elevado número de empreendimentos, somando diversas companhias empresarias com outros produtores da região, entretanto a maior dessas foi a empresa Pedro Osório & Cia, responsável pelo controle de diversas charqueadas e, posteriormente, pelos engenhos de arroz deste que viria a ser o maior empresário da rizicultura no Brasil.<sup>5</sup> Em razão à sua atuação nesse setor, este foi reconhecido nacionalmente com o apelido de “Rei do Arroz”, tal denominação é abordada nos principais jornais do período relativo às décadas 1910 e 1920, dentre eles: A Gazeta de Notícias (RJ), O Paiz (RJ), A Federação (RS) e etc. Outrossim, o Coronel foi responsável por fomentar e auxiliar na criação do Banco Pelotense, interesse de diversos ruralistas do período em razão à necessidade do crédito agrícola para gerar maior fomento às produções, sendo um de seus acionistas de maior prestígio na cidade. Atuou também como líder do Partido Republicano Riograndense (PRR), desde a morte de Epaminondas Piratinino de Almeida em dezembro de 1899, no município de Pelotas, sendo cotado até mesmo à vice-presidência do estado, no quinquênio de 1903 a 1908.<sup>6</sup>

Seu empreendimento teve início com as incipientes experiências de plantio no ano de 1907, onde utilizou de forma primária o arado à boi e um motor para bombear água para irrigação, alcançando um “(...) resultado considerado por ele

<sup>4</sup> LAPUENTE, Rafael. **A imprensa como fonte: apontamentos teóricometodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica**. Fortaleza: Revista de História Bilros, 2016.

<sup>5</sup> ABUCHAIM, V. **O tropeiro que se fez rei**. Porto Alegre: Gráfica Mosca Ltda., 2013, p. 35.

<sup>6</sup> ABUCHAIM, V. **O tropeiro que se fez rei**. Porto Alegre: Gráfica Mosca Ltda., 2013, p. 82-84.



desanimador, uma vez que, em sua opinião, não recompensou o capital investido.”. (ABUCHAIM, 2013). Entretanto, mesmo que os primeiros resultados tenham sido insatisfatórios, Pedro Osório buscou auxílio técnico para sua lavoura, recebendo o atendimento do engenheiro agrimensor Pedro Gastal, que lhe indicou o nivelamento das terras de plantio e a expansão das mesmas.<sup>7</sup> Em razão dessas indicações surgem as primeiras parcerias para o empreendimento, este que teve início na Charqueada do Cascalho, que posteriormente tornou-se Engenho do Cascalho, e foi dividido em 5 seções, sob a égide das seguintes razões sociais: Osório & Schild (1908); Osório & Borba (1909); Osório & Simões (1910); Osório & Ribas (1911); e, por fim, Pedro Luiz da Rocha Osório (1911). Ademais, visando fomentar sua produção, em 1912 o Coronel e sua família viajam para a Europa, onde encontrou-se com Novello Novelli, na Itália, e buscou tomar conhecimento de técnicas mais avançadas para sua produção, logo após, direcionou-se para Alemanha, “(...) onde adquiriu máquinas a vapor, bombas para recalque e equipamentos para montagem de um engenho completo.” (ABUCHAIM, 2013). Já em 1913, seu empreendimento é reconhecido por um técnico do Ministério da Agricultura como “(...) um dos melhores do Brasil.” (PIMENTEL, 1949. In ABUCHAIM, 2013). Ao decorrer de 1914 há a ampliação do Engenho do Cascalho e, posteriormente, devido à grande expansão de suas lavouras, Pedro constrói, por fim, o Engenho São Gonçalo no ano de 1921

Em 1926 um conjunto de fatores acarretou em uma crise no setor orizícola, entre seus diversos motivos temos, “(...) a escassez de crédito aos produtores, depois a concorrência com outros estados, seguido da concorrência estrangeira e dos altos custos de produção...”. (DUVOISIN, 2010). Como resposta à crise, a classe rizicultora cria o Sindicato Arrozeiro do Rio Grande do Sul, nesta associação a empresa Pedro Osório & Cia., tornou-se comissária, após entregar sua produção de cerca de 200 mil sacas<sup>8</sup> para a posse da entidade, auxiliou também no ato de centralização da safra de outros produtores junto ao Sindicato. De forma qualitativa, utilizando o Coronel Pedro Osório como referência, pode-se perceber a convergência de interesses da elite rizicultora e da administração do Sindicato, tanto pelo fato desse ser reconhecido como Presidente de Honra<sup>9</sup> do Sindicato, quanto por suas declarações, que demonstram diretamente as insatisfações da classe com o cenário<sup>10</sup>.

Visando findar nosso debate, apontamos para a estrutura coronelista presente na Primeira República, essa que se caracteriza como “(...) uma ‘rede de compromissos’ (JANOTTI, 1981), segundo a qual o governo estadual, fortalecido pelo federalismo fiscal e institucional da República Velha, ‘garante para baixo o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos’, enquanto ‘o coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos’ No terceiro vértice, ‘os governadores dão seu apoio ao presidente da República em troca do reconhecimento por parte deste de seu domínio no estado’.” (AXT, 2007). Neste sistema, o Coronel Pedro Osório ocupou o cargo de vice-presidente do estado, além de ser o líder do PRR no município, em consequência de sua atuação na estrutura partidária, sua fidelidade republicana e seu caráter conciliador, apontado por Vera Abuchaim, de acordo com os indícios biográficos deste, Pedro Osório afasta-se do caráter de “coronel caudilhesco”, proposto por Loiva Félix. Logo, podemos supor uma certa proximidade com a figura do “Coronel Burocrata”. (LOVE, 1975). Contudo, é

<sup>7</sup> ABUCHAIM, V. **O tropeiro que se fez rei**. Porto Alegre: Gráfica Mosca Ltda., 2013, p. 119.

<sup>8</sup> **Sindicato Arrozeiro**. A Federação, Porto Alegre: 26 jul. 1926, p.5.

<sup>9</sup> **Sindicato Arrozeiro**. A Federação, Porto Alegre: 13 jul. 1926, p.5.

<sup>10</sup> **A crise industrial e a ação dos poderes públicos**. A Federação, Porto Alegre: 28 set. 1926, p.1.



imprescindível ressaltarmos que não havia um tipo ideal de Coronel. Portanto, Pedro Osório, além de influenciar nas eleições locais, era líder o Partido Republicano Riograndense no município, foi charqueador capitalista, pecuarista, agricultor e industrial, mas ao mesmo tempo possuía uma forte presença no espaço urbano da cidade, convivendo com outros grupos da elite capitalizada.

#### 4. CONCLUSÕES

Mesmo que ainda incipiente os resultados, podemos partir de certos pontos da análise para demonstrar o que foi produzido. Relativo à construção da indústria rizicultora, nota-se que o reconhecimento nacional adquirido por Pedro Osório é oriundo de uma série de buscas por qualificação técnica de sua produção, tendência que foi de relativa importância para a modernização da orizicultura de uma forma geral. A partir da leitura de A Federação, pode-se apontar também o contato e as articulações da elite rizicultora junto ao Sindicato Arrozeiro, uma vez que esses indivíduos participavam ativamente da direção da entidade, no caso do Coronel em análise, esse era Presidente de Honra e ainda tinha sua empresa, Pedro Osório & Cia, como comissária em seu município. Por fim, aponta-se também as diferentes atuações coronelistas, uma vez que o caráter caudilhesco não se mostra tão presente quanto nos coronéis analisados por Loiva Félix.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUCHAIM, V. R. **O tropeiro que se fez rei**. Porto Alegre: Gráfica Mosca Ltda., 2013.
- AXT, G. Coronelismo Indomável: o sistema de relações de poder. In: GOLIN, T; BOEIRA, N. (Org.). **República Velha (1889 – 1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007, v3. Cap.III, p. 89 – 128.
- DUVOISIN, L. **Organizados para a defesa dos interesses comuns: o processo de formação e o papel político do Sindicato Arrozeiro do Rio Grande do Sul na crise da Primeira República (1926-1930)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- FÉLIX, L. O. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996. 2ed.
- GRIJÓ, L. A. **O jogo das mediações: Getúlio Vargas e sua geração no Rio Grande do Sul da I República**. Porto Alegre: Homo Plasticus, 2017.
- LAPUENTE, R. **A imprensa como fonte: apontamentos teóricometodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica**. Fortaleza: Revista de História Bilros, 2016, v. 4, nº 6, p. 11 - 29.
- LOVE, J. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- PESAVENTO, S. J. **A República Nova Gaúcha: o Estado e os pecuaristas (1930-1937)**. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, n.8, p. 157-173, 1979.
- PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. 3ed.
- PESAVENTO, S. J. **Os industriais da república**. Porto Alegre: IEL, 1991
- A crise industrial e a ação dos poderes públicos**. A Federação, Porto Alegre: 28 set. 1926, p.1.
- O que o Rio Grande do Sul é de fato**. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro: 4 abril. 1912, p.2.
- Sindicato Arrozeiro**. A Federação. Porto Alegre: 13 jul. 1926, p.5.
- Sindicato Arrozeiro**. A Federação. Porto Alegre: 26 jul. 1926, p.5